

A INVESTIGAÇÃO SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CAMPO EDUCACIONAL

Clarissa Menezes de Souza Poubel (UENF)

clarissapoubel@gmail.com

Leandro Garcia Pinho (UENF)

leandrogarciapinho@gmail.com

RESUMO

Um campo privilegiado para estudo das representações sociais é a educação, em especial no âmbito de suas instituições de ensino, uma vez que recebem cotidianamente influência de diferentes grupos sociais, que apresentam os mais variados discursos. Nas últimas décadas muitos estudos emergiram com o objetivo de, a partir das representações sociais dos sujeitos, entender as relações estabelecidas nas escolas. Dessa maneira, esse trabalho busca desvelar os símbolos, ou seja, os significados que se traduzem nas diferentes expressões, sejam elas verbais ou não, dos sujeitos no contexto do PROEJA e trazer à luz a real concepção que o programa adquire na instituição. As experiências adquiridas ao longo do tempo por um grupo social formam por sua vez, esquemas de percepção, de pensamentos, de ação, que guiam as práticas individuais, assegurando-lhes consonância e constância. A partir do exposto, os significados procurados por esta pesquisa emergem dos significados do grupo estudado, baseados nos consensos existentes acerca do PROEJA. Utilizar a teoria das representações sociais tem por finalidade, promover a interpretação dos objetos, atribuindo-lhes significações a partir das expressões dos indivíduos.

Palavras-chave: Representação social. Educação. PROEJA

1. Considerações iniciais sobre a teoria das representações sociais

Esse trabalho deseja apresentar a teoria das representações sociais como referência para os estudos da psicologia social, a partir da contribuição proposta por Serge Moscovisci, sob uma perspectiva que possibilite questionar a natureza do conhecimento e a relação entre indivíduo e sociedade.

Para compreender melhor a teoria das representações sociais, antes é preciso entender o conceito de “representação” e para tanto, faz-se necessário buscar referências na passagem do século XIX para o século XX. Segundo Barreto (2005), o século XIX foi marcado por ideias revolucionárias e também um tempo que fez surgir novos valores e concepções de mundo. Do ponto de vista intelectual, foram construídas várias teorias, entre elas, a da representação.

Em sua raiz etimológica, “representação” provém do latim “*representare*”, que quer dizer fazer presente, apresentar de novo. Para Falcon (2000) fazer presente alguém, ou alguma coisa, até mesmo uma ideia, por intermédio da presença de algum objeto. Assim, etimologicamente, “representação” era sinônimo de cópia, de reflexo do mundo, “representar” era reproduzir o social. Essa ideia influenciou, durante anos, as ciências sociais e a psicologia, gerando uma ilusão da consciência perfeita entre o psíquico e o mundo.

Minayo (1995) aponta que as “representações” estavam vinculadas a dois níveis distintos: coletivo e individual. Entre os principais teóricos que se preocupavam com o caráter coletivo das representações, estavam: Schutz, Weber, Durkheim e Marx. Embora com aportes diferentes, afirmavam uma crença de que as representações não são necessariamente conscientes pelos indivíduos, sendo esses reprodutores de condutas do meio social. Já entre os teóricos que se preocupavam com o individual, citam-se principalmente os da vertente psicológica e entre esses: Freud, que influenciou a teoria das representações sociais, principalmente através da teoria sexual infantil que desenvolveu. Em seu estudo, Freud, demonstrou como as crianças constroem suas próprias teorias a partir das relações entre os universos adulto e infantil.

Portanto, no nascedouro da teoria das representações sociais, o conceito de representação era distinguida em dois níveis de fenômenos: o individual e o coletivo, que eram, de acordo com cada crença, totalmente diferente um do outro. No entanto, esses níveis – individual e coletivo – das representações colaboraram para que Moscovisci elaborasse a teoria das representações sociais.

A vertente sociológica da psicologia europeia resgatou o conceito de representação social, marcando uma mudança no eixo tradicional em psicologia social, que antes se concentrava na verificação de comportamentos observáveis e a partir desses novos estudos passou a fundamentar-se na compreensão do processo de elaboração psicológica e social da realidade, integrando aspectos explícitos e implícitos do comportamento para a explicação das condutas.

Dessa forma, o estudo desenvolvido por Serge Moscovisci, em torno de 1961, sob título de *Psychanaluse: son image et son public*, buscou compreender de que maneira a Psicanálise, ao sair do entendimento de pequenos grupos fechados e especializados, adquire um novo significado pelos grupos populares. O teórico motivou-se para desenvolver o

estudo a partir das representações sociais como metodologia científica, pois fazia crítica aos pressupostos das demais teorias. A partir desse estudo emerge um novo conceito que define a representação social.

Assim, a representação social firma-se como uma ferramenta da psicologia social, uma vez que articula o social e o psicológico, num processo dinâmico que permite compreender a formação do pensamento social e a antecipação das condutas dos seres humanos. Essa teoria busca superar a perspectiva individual do entendimento do mundo defendida pela Psicologia que separa o individual do social, e consolida a dimensão social, destacando que há fenômenos psicossociais que apresentam uma lógica diferente da lógica individual para compreensão da realidade.

Para Moscovisci (2012, p. 216):

Representar significa a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. É, portanto, muito importante que isso se dê de forma comunicativa e difusiva, pois não há outros meios, com exceção do discurso e dos sentidos que ele contém, pelos quais as pessoas e os grupos sejam capazes de se orientar e se adaptar a tais coisas.

Assim, compreender as representações sociais é compreender como os sujeitos, na maneira como cada um age, chegam a operar ao mesmo tempo para se definir e para transformar o social. Destacam-se dessa forma, duas funções principais das representações sociais: a função cognitiva, ancorando significados, estabelecendo ou desestabilizando as situações evocadas e a função social, mantendo ou criando identidades e equilíbrios coletivos (MOSCOVISCI, 2012, p. 218).

A partir dessas funções, torna-se possível inferir que as representações sociais emergem das interações humanas entre pessoas e grupos ao longo dos laços estabelecidos para a comunicação e colaboração. Portanto não são produtos da criação individual, mas sim coletiva e depois de estabelecidas,

[...]adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem. Como consequência disso, para se compreender e explicar uma representação, é necessário começar com aquela, ou aquelas, das quais ela nasceu (MOSCOVISCI, 2012, p. 41).

As representações sociais buscam analisar:

[...] aqueles modos de pensamento que a vida cotidiana sustenta e que são historicamente mantidos por mais ou menos longos períodos; modos de pensa-

mentos aplicados a objetos diretamente socializados, mas que, de maneira cognitiva e discursiva, as coletividades são continuamente orientadas a reconstruir nas relações de sentido aplicadas à realidade e a si mesmas (MOSCOVISCI, 2012, p. 218).

Diante do exposto, entende-se que as representações sociais se apresentam como uma maneira de perceber a realidade, uma forma de conhecimento desenvolvida pelos indivíduos e grupos para marcar suas posições em relação aos eventos, objetos, situações, entre outros. O social interfere de várias maneiras, seja através do contexto concreto em que os grupos se situam, seja pela comunicação estabelecida, pela herança cultural, pelos códigos, símbolos, valores, ideologias que se ligam as posições sociais.

Moscovisci aponta duas categorias que permitem uma melhor compreensão do lugar ocupado pelas representações sociais, dentro da sociedade: universo consensual e universo reificado. Sobre o universo consensual entende-se que:

[...] a sociedade é vista como um grupo de pessoas que são iguais e livres, cada um com possibilidade de falar em nome do grupo e sob seu auspício. Dessa maneira, presume-se que nenhum membro possua competência exclusiva, mas cada qual pode adquirir toda competência que seja requerida pelas circunstâncias. [...] Tal estado de coisas exige certa cumplicidade, isto é convenções linguísticas, perguntas que não podem ser feitas, tópicos que podem, ou não podem, ser ignorados. Em longo prazo, a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorrência, uma base comum de significância entre seus participantes. (2012, p. 50-51).

Assim, é possível afirmar que o discurso comum liga as pessoas umas às outras, em torno desse universo consensual, ou seja, tudo que é compartilhado por meio do diálogo e da troca entre as pessoas torna-se aceitável para aquela coletividade.

Sobre o universo reificado, Moscovisci afirma que:

[...]a sociedade é vista como um sistema de diferentes papéis e classes, cujos membros são desiguais. Somente a competência adquirida determina seu grau de participação de acordo com o mérito, seu direito de trabalhar “como médico”, “como psicólogo”, “como comerciante” ou de se abster desde que “eles não tenham competência na matéria”. [...] Nós nos confrontamos, pois, dentro do sistema, como organizações preestabelecidas, cada uma com suas regras e regulamentos [...] Existe um comportamento adequado para cada circunstância, uma fórmula linguística para cada confrontação e, nem é necessário dizer, a informação apropriada para um contexto determinado (2012, p. 51-52).

A partir desses conceitos, o autor destaca que as representações sociais pertencem ao universo consensual enquanto a ciência é o meio

para entender o universo reificado. Portanto, o universo reificado, não depende da vontade dos indivíduos, e diante dele, deve-se desenvolver uma atitude imparcial. Ao contrário, o universo consensual depende dos significados que retratam os interesses dos indivíduos e dão forma à consciência coletiva.

2. A investigação sobre representações sociais no campo educacional

Um campo privilegiado para estudo das representações sociais é a educação, em especial no âmbito de suas instituições de ensino, uma vez que recebem cotidianamente influência de diferentes grupos sociais, que apresentam os mais variados discursos. Nas últimas décadas muitos estudos emergiram com o objetivo de, a partir das representações sociais dos sujeitos, entender as relações estabelecidas nas escolas.

Como modelo exemplar de estudo, cita-se a obra *La Sélection Implicite à l'École*, de Mollo (1986). A autora analisou documentos franceses relacionados ao ensino obrigatório, buscando entender o modo como as informações oficiais, sobre o ensino, eram difundidas entre os sujeitos do processo educativo, em seu estudo: pais, alunos e professores. A pesquisa foi desenvolvida entre os anos escolares de 1976-1977 e focou as reformas do ensino básico que ocorreram na França, que objetivavam acabar ou evitar a seleção de alunos na escola. A autora apontou que o estudo das representações foi muito importante nessa área porque possibilitou a análise dos diferentes tipos de discurso, permitindo entender como cada sujeito da pesquisa articulava seus valores e ideologias.

No Brasil, estudos desenvolvidos sob o enfoque teórico das representações sociais no campo educacional têm crescido no meio científico, entre outros podemos destacar trabalhos de: Carvalho (1983), Gilly (2001), Lins e Santiago (2001), Madeira (2001), e Sousa (2002).

Referenciando-nos através dos estudos de Madeira (2001), constata-se que o autor desenvolveu pesquisa no Nordeste brasileiro, centrando a investigação nas representações sobre educação e escola para analfabetos adultos, migrantes, trabalhadores rurais e meninos de rua. A partir da utilização da teoria das representações sociais ao estudo de questões educacionais, afirmou que a teoria em questão:

[...] permite apreender o sentido de um objeto em articulação a outros tantos que se lhe associam em diferentes níveis; possibilita superar o reducionismo de análises que desrealizam o objeto ao isolá-lo e decompô-lo; viabiliza ultra-

passar uma pseudocientificidade que enrijece análises e proposições. (MADEIRA, 2001, p. 127)

Sousa (2002) contribuiu ainda para afirmar a teoria das representações sociais como um importante recurso as pesquisas educacionais, ao realizar levantamento, junto ao programa de estudos de pós-graduação em educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e junto à Fundação Carlos Chagas, buscando descrever a trajetória metodológica que o estudo das representações sociais em educação vem desenvolvendo e apontar o processo de apropriação desta teoria pelos pesquisadores da área educacional.

A partir dos trabalhos citados percebe-se que as pesquisas educacionais tem se valido da teoria das representações sociais como recurso teórico metodológico pertinente na busca pela compreensão das concepções dos sujeitos a partir dos modos como se relacionam e representam a realidade.

2.1. Aproximação com a investigação em projeção

Todo significado que atribuímos a algum objeto relaciona-se necessariamente com algum aspecto simbólico dos relacionamentos e dos consensos de um grupo de pessoas ou até de uma sociedade. Assim, tudo que conhecemos e a maneira como nos comportamos trazem algum significado.

Significar implica, por definição, que pelo menos duas pessoas compartilhem uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns. É isto que distingue o social do individual, o cultural do físico e o histórico do estático. Ao dizer que as representações são sociais nós estamos dizendo principalmente que elas são simbólicas e possuem tantos elementos perceptuais quanto os assim chamados cognitivos (MOSCOVICI, 2012, p. 105).

Em sua teoria das representações sociais, Serge Moscovici, define significado em sua perspectiva social, ou seja, como sentido comum atribuído por um grupo de pessoas a algum objeto do mundo social. Dessa forma, afirma que:

Representações sociais, como teorias científicas, religiões, ou mitologias, são representações de alguma coisa ou de alguém. Elas têm um conteúdo específico – implicando, esse específico, além do mais, que ele difere de uma esfera ou de uma sociedade para outra. No entanto, estes processos são significantes, somente na medida em que eles revelam o nascimento de tal conteúdo e suas variações. (MOSCOVICI, 2012, p. 106).

As crianças, por exemplo, atribuem ao mundo um significado que se constroem com a ajuda da família, do grupo social, seja a escola, a igreja, entre outros. E por sua vez, as imagens e conceitos que os adultos difundem, também foram construídos ao longo de suas vidas através das experiências.

É possível entender quer os significados e conceitos que trazemos conosco são construídos ao longo do tempo, através das experiências e relacionamentos que desenvolvemos. Assim, as representações sociais apresentam também uma dimensão histórica, uma vez que são construídas através do tempo e em circunstâncias espaciais específicas.

Dessa maneira, desvelar os símbolos, ou seja, os significados que se traduzem nas diferentes expressões, sejam elas verbais ou não, dos sujeitos, é trazer à luz a real concepção que uma política educacional adquire na instituição.

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA – foi instituído pelo Governo Federal dentro de um contexto de retomada da discussão sobre a oferta de cursos de nível médio integrados ao ensino profissionalizante. O que se concretizou através do Decreto 5.478 de 2005, reformulado em 2006 pelo Decreto 5.840.

O PROEJA significou para modalidade de educação de jovens e adultos, uma conquista importantíssima, pois trouxe a possibilidade da qualificação profissional em nível técnico aos que estavam afastados dos bancos escolares.

Apesar do PROEJA vir de uma grande proposta do Governo Federal, tendo em vista o seu projeto oficial e os investimentos realizados, o programa trouxe consigo algumas dificuldades na sua implementação e concretização nas instituições de ensino.

A partir dessas reflexões geradas nas reuniões com o grupo de pesquisa, surgiu uma inquietação diante do estranhamento causado pelo PROEJA, levando-me a ponderar a relevância em investigar os significados atribuídos pelos sujeitos que vêm, de fato, fazendo o PROEJA acontecer nas instituições de ensino, que são os professores.

A visão que os professores trazem a respeito do PROEJA nos permite compreender a dimensão que o programa tem adquirido nas instituições, ou seja, na concretização do que prevê o decreto regulamentador. Afirmando o entendimento de que a implementação de um programa

é um processo que, necessariamente, passa pela forma como os sujeitos a executam.

As experiências adquiridas ao longo do tempo por um grupo social formam por sua vez, esquemas de percepção, de pensamentos, de ação, que guiam as práticas individuais, assegurando-lhes consonância e constância. A partir do exposto, os significados emergem dos consensos existentes entre o grupo estudado. Utilizar a teoria das representações sociais tem por finalidade, promover a interpretação dos objetos, atribuindo-lhes significações a partir das expressões dos indivíduos.

3. Considerações finais

A partir do exposto, percebe-se que Moscovisci formulou um conjunto bem tecido de proposições e denomina-as de Representação Social, buscando desvendar os processos pelos quais um pensamento, uma visão, um entendimento, torna-se consensual entre os integrantes de um grupo. Seus estudos sobre representação social como instrumento para avaliação dos grupos sociais vêm reforçar a compreensão de como as representações são elaboradas a partir da realidade cotidiana.

Dessa maneira, é possível inferir que a teoria das representações sociais fornecem subsídios para que o cientista social desenvolva suas pesquisas com a finalidade de desvendar o pensar e o agir dos grupos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, F.S. Sobre as representações sociais e o tempo histórico. *Revista Lâmina*, vol. 117, n. 1, s/p, 2005.
- CARVALHO, C. M. C. *Representações de professores de 1ª série do 1º grau de escolas de periferia: estudo de caso*. 1983. Tese (Doutorado). – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FALCON, F. J. C. História e representação. In: CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Org.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papirus, 2000, p. 20-48.
- GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. *As representações sociais*. Trad.: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p. 321-341.

LINS, C. P. A.; SANTIAGO, M. E. Representação social – educação e escolarização. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.). *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Universitária, 2001, p. 411-450.

MADEIRA, M.C. *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Universitária, 2001.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Texto em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 89-111.

MOLLO, S. *La sélection implicite à l'école*. Paris: PUF, 1986.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUSA, C. P. Estudos de representações sociais em educação. In: *Psicologia da Educação*, São Paulo, vol. 14/15, p. 17-37, 2002.